

## **Representação do Feminino em Desenhos Infantis: Análise dos Desenhos Veiculados na Seção “Nossos desenhistas” do Jornal A Tribuninha<sup>1</sup>**

Beatriz BORGES<sup>2</sup>

Nísio TEIXEIRA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, MG

### **Resumo**

Em uma perspectiva de análise de processo de comunicação em contexto local e seu uso na construção das identidades culturais, o presente trabalho recuperou os desenhos veiculados na seção “Nossos desenhistas” da primeira à última edição do jornal A Tribuninha, valendo-se da disponibilidade e legibilidade destes na BNDigital, da Biblioteca Nacional. Ao todo, foram selecionados 119 desenhos, retirados de 157 edições analisadas entre os anos de 1960 a 1994. Por meio do estudo sobre a representação do feminino feito por crianças, a desconstrução do gênero, a fantasia no desenvolvimento psíquico infantil, a socialização do gênero na educação infantil e os fatores externos e midiáticos que influenciam o desenho infantil, foram formadas cinco categorias para exemplificar os valores presentes e persistentes nos desenhos realizados por crianças durante a existência de “Nossos desenhistas”.

### **Palavras-chave**

Representação do feminino; desenhos infantis; A Tribuninha; construção social do gênero.

### **1. Introdução**

Criado em 24 de agosto de 1960, na cidade de Santos, São Paulo, por Roberto Mário Santini, editor-gerente do jornal A Tribuna (Santos-SP) na época, o suplemento

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação. 6º semestre do Curso de Jornalismo da Fafich-UFMG, email: [beatrizetborges@gmail.com](mailto:beatrizetborges@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Fafich-UFMG, email: [nisiotei@ufmg.br](mailto:nisiotei@ufmg.br).

infanto-juvenil A Tribuninha foi o primeiro do tipo a existir no país. A ideia do suplemento surgiu de uma conversa que Santini teve com o diretor de A Tribuna e seu avô, Manoel Nascimento Júnior, que sonhava em atender ao público infantil por meio do jornal. O primeiro quadro criado para A Tribuninha foi o “Nossos desenhistas”, pelo cartunista Accendino de Andrade, também conhecido por Dino. Até a década de 1990, a edição era feita pelo escritor Hamleto Rosato.

As edições de A Tribuninha eram publicadas semanalmente, com muita interação das crianças, oferecendo espaço para reportagens, contação de histórias e desenhos infantis, além de premiações e jogos como palavras-cruzadas e charadas. A data 4 de junho de 1994 é a última em que se pode achar o quadro “Nossos desenhistas” no site da Hemeroteca Digital (BNDigital). No começo da década de 2000, o quadro passa a se chamar “Galeria” e o suplemento assume um aspecto mais informativo e menos interativo, deixando de ser publicado pouco tempo depois. A Tribuninha volta a ser veiculada mensalmente em 2012, após quase doze anos de pausa, sob a edição de Camila Morgado. Nesse retorno, já não há mais uma seção para os desenhos infantis.

O presente trabalho recuperou os desenhos veiculados em “Nossos desenhistas” da primeira à última edição de A Tribuninha, valendo-se da disponibilidade e legibilidade destes na BNDigital. Por meio do estudo sobre a representação da mulher feita por crianças, a desconstrução do gênero, a fantasia no desenvolvimento psíquico infantil, a socialização do gênero na educação infantil e os fatores externos e midiáticos que influenciam o desenho infantil, foram formadas cinco categorias para exemplificar os valores presentes e persistentes nos desenhos realizados por crianças durante a existência de “Nossos desenhistas”. As categorias são: fantasia, ferramentas, formalidade, flores e formosura. Ao todo, foram selecionados 119 desenhos, retirados de 157 edições analisadas. Aqueles que não se encaixaram nas categorias propostas foram considerados exceções.

## **2. Referencial teórico-metodológico**

### **2.1. Fantasia**

A representação do feminino por crianças está, muitas vezes, relacionada a sonhos e desejos. Pelos contos de fada serem uma das primeiras experiências de encontro com a fantasia, as crianças costumam simbolizar o feminino em princesas,

bailarinas e seres místicos como bruxas, fadas e sereias. Segundo Dieckmann (1986) apud Matte e Facchin (2019, p. 2), essa representação tem o poder de resolver os conflitos do inconsciente infantil, que, desde cedo, almeja entrar no mundo adulto.

Em “Era uma vez...: a importância da fantasia para o desenvolvimento psíquico” (2019), Matte e Facchin realizam uma cronologia do envolvimento literário que a criança tem com a fantasia, categorizando-a em três fases. As primeiras histórias que interessam à criança são de tramas simples, “que falam de um lugar acolhedor onde possa se sentir bem-vista e amada” (p. 6). Logo após, ela é envolvida pela leitura estimulada pela fase oral de seu desenvolvimento, quando há a fantasia do ser devorado ou expulso de casa. A fase que se segue é a fálica, momento em que a criança busca por tramas mais “complexas e repletas de curiosidades sexuais infantis, fantasias de sedução, amor e ódio pelos objetos primários” (idem). Essa é a fase em que a maioria das crianças que desenham para A Tribuninha estão, já que usualmente assinam informando a Escola Municipal de Educação Infantil (Emei) da qual fazem parte.

## 2.2. Ferramentas

É certo que a diferenciação de gênero por meio das roupas é algo cada vez menos presente nos dias atuais. Países da Europa e Estados Unidos estão aderindo aos seus costumes, desde o século passado, a criação de filhos sem gênero.<sup>4</sup> No Brasil, o fato de meninas vestirem rosa e meninos azul já foi problematizado<sup>5</sup> e o pronome neutro chegou a ser usado na posse do atual presidente da República, Lula.<sup>6</sup> Porém, como a igualdade de gênero continua apenas um ideal nas sociedades, é possível apontar diversas práticas que reproduzem sua diferenciação.

Na primeira infância, meninas e meninos usam, às vezes, formas e tecidos semelhantes, mas, frequentemente, os meninos têm roupas mais escuras e ornadas de motivos esportivos, transportes ou animais selvagens. Já as meninas usam cores mais claras e enfeites de flores e animais domésticos. Essa diferenciação sugere que os meninos irão dedicar-se a jogos vigorosos e a longas viagens, e as meninas ficarão em casa com as plantas e os pequenos animais. Esses motivos também

<sup>4</sup> As crianças que estão sendo criadas sem gênero, por Maddy Savage, da BBC Worklife. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-63162913>. Acesso em 31 de maio de 2023.

<sup>5</sup> Os meninos não se vestiram sempre de azul, nem as meninas de rosa, por Jaime Rubio Hancock, do El País. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/04/estilo/1546614596\\_209570.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/04/estilo/1546614596_209570.html). Acesso em 31 de maio de 2023.

<sup>6</sup> Governo Lula adota pronome neutro ‘todes’ em eventos, por Luciana Amaral e João Rosa, da CNN Brasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/governo-lula-adota-pronome-neutro-todes-em-eventos-ministra-tem-projeto-contralinguagem-neutra/>. Acesso em 31 de maio de 2023.

---

podem significar a quem os veste: o menino é um ursinho de estimação ou um tigrinho risonho; a menina, uma flor ou uma gatinha. As roupas dos meninos também tendem a ser mais amplas nos ombros e as das meninas nos quadris, em uma antecipação de seus corpos adultos (Lurie, 1994 apud STREY, 2000, p. 149).

Vestir-se é tornar visível a identidade de gênero. Por meio de roupas e acessórios é possível comunicar aspectos característicos de cada sexo. Atualmente, peças que expressam feminilidade são vestidos, saias, camisas mais justas e calças mais apertadas, colares, brincos, anéis e bolsas. Por isso, a vestimenta feminina costuma a ser mais extravagante e chamativa do que a vestimenta masculina. Segundo Strey (2000), a moda diz muito da situação social feminina, “ora ajudando as mulheres a ficarem mais livres, ora arregimentando obstáculos a essa liberdade através de roupas e acessórios limitantes” (p. 154). Tal essência feminina é registrada pelas crianças em “Nossos desenhistas”, como será exposto mais à frente. A estes acessórios compreende-se a categoria de ferramentas.

### **2.3. Formalidade**

Nas escolas, o horário da fila costuma ser no horário de entrada e depois do intervalo. É um momento de ordem, em que os ânimos são acalmados para que as crianças possam entrar em sala de aula com a mente mais voltada a aprender. Também é comum que as crianças sejam separadas por sexo: há fila de meninas e fila de meninos. As meninas são mandadas para a sala antes que os meninos e, assim, servem de exemplo de boas maneiras (FINCO, 2008, p. 3).

Não só na fila, mas em todos os momentos da educação básica tradicional, meninos e meninas têm seus corpos prensados em moldes de moças e moleques. “Esse minucioso processo se repete, até que a violência e a agressividade da menina desapareçam, (...) reprimindo sua agressividade e ressaltando sua meiguice e obediência” (Idem, p. 4). A postura feminina é muito mais rígida e contida do que a postura masculina.

Talvez, algo que mais simbolize a desigualdade de postura entre os gêneros seja o modo de sentar. Meninos podem abrir as pernas e meninas, não. Por quê? Esse comportamento retraído também é recorrente nos desenhos que retratam a postura feminina em “Nossos desenhistas”. Pelas figuras encaixadas nesta categoria, é possível observar o reforço de certa formalidade maior entre crianças do sexo feminino na época

e contexto em que os desenhos foram veiculados, isto é, dentro do sistema educacional brasileiro do século passado.

#### **2.4. Flores**

Os desenhos de criança são resultado da percepção que elas têm do mundo ao seu redor e o meio pelo o qual se expressam (PRASDIO, 2015, p.8). Visto que o gênero é construído por meio de práticas sociais masculinizantes e feminizantes (LOURO, 1995), muitas crianças “aprendem” a se encaixar na binaridade sexual em instituições sociais como escola e família. A família é um dos lugares que mais influencia o desenho infantil.

A criança, a partir do que vive em casa, com a família, obtém contribuições muito significativas para o desenvolvimento de sua aprendizagem e de sua criatividade, além da base para sua autoestima, para o conhecimento de si mesmo e para diversos elementos importantes em seu desenvolvimento (PRASDIO, 2015, p. 15)

As observações de Prasdio são resultado de uma pesquisa que desenvolveu com quatro crianças de uma escola de Educação Infantil. Nesta, quando a pesquisadora solicitou que as crianças desenhassem algo que ficava perto delas na hora de dormir, ouviu de uma menina a frase: “Eu vou fazer a borboleta colada nas minhas gavetas. Borboleta é coisa de menina, né?” (p. 21). Logo, é possível afirmar que ela acionou as referências que adquiriu do mundo ao seu redor para concluir que tal objeto é feminino. No caso deste trabalho, o elemento flor toma o lugar da borboleta e é usado diversas vezes nos desenhos das crianças em “Nossos desenhistas” para representar a feminilidade.

#### **2.5. Formosura**

As crianças, quando brincam, “vivenciam e reproduzem práticas recorrentes do seu cotidiano e o contato com brinquedos, brincadeiras e informações propagadas pela mídia aciona valores e referências de gênero que podem induzir e manipular seus comportamentos” (FIGUEIREDO, 2022, p. 79). Essa observação pode se estender para os desenhos infantis, que também estão sujeitos à influência da mídia, visto que são a expressão do que as crianças percebem do mundo (PRASDIO, 2015).

As crianças, ao consumirem produtos midiáticos, entram em contato com

padrões artificiais de beleza. O maior exemplo destes padrões é a boneca Barbie. Segundo Figueiredo (2022), ela vende a ideia de que uma mulher feliz seria uma mulher bela. Por isso, muitas meninas reforçam em seus desenhos o estereótipo da mulher magra e alta. Nos desenhos de “Nossos desenhistas” selecionados para a categoria “formosura” é possível observar que esses ideais são acionados pela maioria das crianças ao representarem a feminilidade.

### 3. Resultados

A análise de 119 desenhos possibilitou o agrupamento destes nas cinco categorias citadas no referencial teórico-metodológico: fantasia, ferramentas, formalidade, flores e formosura, sendo que seis são exceções. “Fantasia” foi a categoria que mais se repetiu com 28 ocorrências.<sup>7</sup> Todos os desenhos dessa categoria foram feitos por meninas. A maioria desenhou princesas e bailarinas, algumas desenharam noivas e fadas. Houve também uma sereia e dois desenhos de figuras femininas ao lado de um carrinho de bebê. A análise considerou mães como figuras fantasiosas por compreenderem o mundo dos adultos projetado pelas crianças durante a fase fálica.

A segunda categoria mais recorrente nos desenhos das crianças foi a de “ferramentas”, com 27 ocorrências.<sup>8</sup> Nesta, também houve apenas desenhos de meninas. Os laços de cabelo foram as ferramentas mais utilizadas pelas meninas para retratar a feminilidade, além de vestidos com a cintura marcada. Joias, bonecas, bolsas, sapatos de salto alto e chapéus também foram ferramentas recorridas. A terceira categoria, “flores”, teve 21 ocorrências.<sup>9</sup> Ela se tornou uma categoria porque muitas figuras femininas tinham flores ao seu lado. Não há registro de meninos que desenharam apenas flores. Aquele que desenhou flores – apenas um – desenhou uma menina para segurá-la. Os meninos costumavam desenhar gramados sem flores, apenas árvores. Talvez porque flor não seja coisa de menino, não é?

Em “formalidade”, com 20 ocorrências, a maioria das meninas desenhou figuras

<sup>7</sup> Exemplo de desenho enquadrado na categoria “fantasia”, de D. T. Martins. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/153931\\_02/81751](http://memoria.bn.br/docreader/153931_02/81751). Acesso em: 28 de junho de 2023.

<sup>8</sup> Exemplo de desenho enquadrado na categoria “ferramentas”, de G. M. Silva. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/153931\\_02/35001](http://memoria.bn.br/docreader/153931_02/35001). Acesso em: 28 de junho de 2023.

<sup>9</sup> Exemplo de desenho enquadrado na categoria “flores”, de M. T. Omuro. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/153931\\_03/1096](http://memoria.bn.br/docreader/153931_03/1096). Acesso em: 28 de junho de 2023.

femininas com os braços para trás do corpo ou com o corpo inclinado para baixo.<sup>10</sup> Houve apenas um desenho feito por menino. Neste, uma figura feminina com o rosto de expressão desconfiada e ingênua está acompanhada por uma figura masculina com expressão de “garoto levado”. A última categoria, “formosura”, teve 17 ocorrências.<sup>11</sup> Nesta, as figuras femininas possuem um corpo mais alongado, com cintura marcada, vestindo ora vestidos sofisticados, ora shorts curtos. Dois meninos fizeram desenhos que entraram nesta categoria. Um é do perfil de uma mulher madura chorando e ao lado dela está escrito “saudade”. Outro é de uma figura feminina com um vestido rodado de cintura marcada e um chapéu – que pode ser uma coroa – maior do que a cabeça.

As exceções compreendem um universo de seis ocorrências, portanto, podem ser comentados caso a caso. O primeiro é feito por uma menina de uma figura feminina infantil montada em um cavalo.<sup>12</sup> Ela está sorrindo, com um braço para cima e o cabelo voando com o vento. O segundo, também feito por uma menina, retrata o corpo completo de uma figura feminina que abre sua camisa para revelar o símbolo do Super-Homem, herói da DC Comics.<sup>13</sup> Ela tem um lacinho em seu cabelo e sorri. O terceiro é o único feito por um menino, que estava no primeiro grau escolar. Ele retratou uma figura feminina com saia de bailarina, só que com uma careta de criança levada, com um braço para cima e outro para baixo.<sup>14</sup> Vale ressaltar que meninos nesta idade costumam rivalizar com meninas e vice-versa. Por isso, é pouco provável que uma menina fizesse esse desenho e aceitável que um menino o fizesse.

O quarto desenho é um emblemático carro de Speed Racer<sup>15</sup>, série de mangá e anime dos anos 1960, criada por Tatsuo Yoshida. Os traços são bagunçados, grossos e apresentam velocidade. Ele é uma exceção pelo fato de a assinatura ser de um nome feminino. O quinto desenho é de uma figura feminina adulta que, por mais que esteja usando brincos e lacinho no cabelo, está em uma posição descontraída, com calças

<sup>10</sup> Exemplo de desenho enquadrado na categoria “formalidade”, de V. R. de Andrade. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/153931\\_02/72355](http://memoria.bn.br/docreader/153931_02/72355). Acesso em: 28 de junho de 2023.

<sup>11</sup> Exemplo de desenho enquadrado na categoria “formosura”, de P. P. Gonçalves. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/153931\\_03/4953](http://memoria.bn.br/docreader/153931_03/4953). Acesso em: 28 de junho de 2023.

<sup>12</sup> Desenho da menina no cavalo, de A. P. Mendes. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/153931\\_04/57111](http://memoria.bn.br/docreader/153931_04/57111). Acesso em: 8 de agosto de 2023.

<sup>13</sup> Desenho da menina com roupa do Super-Homem, de S. Menezes. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/153931\\_03/11122](http://memoria.bn.br/docreader/153931_03/11122). Acesso em: 8 de agosto de 2023.

<sup>14</sup> Desenho da bailarina levada, de D. Gomes. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/153931\\_02/40139](http://memoria.bn.br/docreader/153931_02/40139). Acesso em: 8 de agosto de 2023.

<sup>15</sup> Desenho do carro de Speed Racer, de A. Garcia. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/153931\\_03/17452](http://memoria.bn.br/docreader/153931_03/17452). Acesso em: 8 de agosto de 2023.

divertidas e óculos que parecem uma máscara.<sup>16</sup> A última exceção é de uma figura feminina infantil ao lado de estrelas e um sol em formato de coração.<sup>17</sup> Ela é a única a ter o cabelo crespo. Nenhum desenho anterior ou posterior, em um corpus de 157 edições analisadas, retratou um cabelo crespo.

#### **4. Considerações finais**

O trabalho buscou apontar aspectos marcantes da representação do feminino em desenhos de crianças veiculados na seção “Nossos desenhistas” do suplemento infantil A Tribuninha por meio dos conceitos de desenvolvimento psíquico infantil, socialização do gênero na educação infantil e fatores midiáticos. Foram apresentadas cinco características recorrentes nos desenhos analisados: fantasia, ferramentas, formalidade, flores e formosura. Estas foram exploradas no referencial teórico-metodológico, que buscou evidenciar a construção social do gênero. Dos 119 desenhos selecionados, apenas quatro foram feitos por meninos, e um destes é uma exceção. Pouquíssimas meninas representaram o feminino em desenhos que expressassem movimento ou interesse em alguma atividade.

Ao longo do processo de seleção dos desenhos, foi observado que muitos meninos costumavam desenhar personagens da cultura popular, soldados (principalmente durante o período da ditadura militar no Brasil), carros, aviões e barcos. Enquanto isso, os desenhos de meninas retratavam, majoritariamente, figuras femininas paradas, sem qualquer interesse em alguma atividade. Em número menor, elas desenhavam casas, paisagens e flores. Logo, é possível afirmar que meninas tendem a desenhar meninas enquanto meninos desenhavam muito mais coisas com bem mais diversidade. Esse movimento pode ser resumido em poucas palavras: meninas buscam ser e meninos buscam o que fazer, já que não precisam se preocupar muito com sua imagem.

#### **Referências bibliográficas**

---

<sup>16</sup> Desenho de mulher em postura descontraída, de D. Cardoso. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/153931\\_04/36804](http://memoria.bn.br/docreader/153931_04/36804). Acesso em: 8 de agosto de 2023.

<sup>17</sup> Desenho da menina com cabelos crespos, de M. Abreu. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/153931\\_04/37604](http://memoria.bn.br/docreader/153931_04/37604). Acesso em: 8 de agosto de 2023.



---

FIGUEIREDO, Allana Tuylla Dantas. **As representações sociais do ser mulher para crianças**. 2022. 152 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em:

<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/49396/1/DISSERTA%20c3%87%20c3%83O%20A1anna%20Tuylla%20Dantas%20Figueiredo.pdf>. Acesso em: 31 maio 2023.

FINCO, Daniela. Socialização de Gênero na Educação Infantil. *Fazendo Gênero 8: corpo, violência e poder*, Florianópolis, ed. 8, ago 2008. Disponível em:

[http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST10/Daniela\\_Finco\\_10.pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST10/Daniela_Finco_10.pdf). Acesso em: 31 maio 2023.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**: gênero e educação, [s. l.], v. 20, ed. 2, jul/dez 1995. Disponível em:

<https://www.seer.ufgrs.br/educacaoerealidade/article/view/71722>. Acesso em: 31 maio 2023.

MATTE, Fernanda Marinho; FACCHIN, Fernanda. “Era uma vez...”: a importância da fantasia para o desenvolvimento psíquico. **Analytca**, São João del-Rei, v. 8, ed. 14, jan/jun 2019.

Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-51972019000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972019000100005). Acesso em: 31 maio 2023.

"NOSSOS DESENHISTAS". **A Tribuninha**, Santos, 1960-1994.

PRASDIO, Paula da Silva. **Borboleta é coisa de menina, né**: fatores que podem influenciar as crianças no momento em que desenham. 2015. 37 p. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/139559>. Acesso em: 31 maio 2023.

STREY, Marlene Neves. Mulheres e moda: a feminilidade comunicada através das roupas. **Famecos**, Porto Alegre, ed. 13, dez 2000. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3090/2366>. Acesso em: 31 maio 2023.